

## HESITAÇÃO VACINAL INFANTIL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE OS DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA SAÚDE PÚBLICA

CHILDHOOD VACCINE HESITATION: A BIBLIOGRAPHICAL REVIEW ON CHALLENGES AND PERSPECTIVES IN PUBLIC HEALTH

VACUNACIÓN INFANTIL: UNA REVISIÓN BIBLIOGRÁFICA SOBRE DESAFÍOS Y PERSPECTIVAS EN SALUD PÚBLICA

Lavínia Mubarack Antunes<sup>1</sup>

Vitória Torquato Silva Miranda<sup>2</sup>

Aléxia Vitória Rocha de Souza<sup>3</sup>

Amanda Montenegro Lobo<sup>4</sup>

Daniel Mota de Araújo Rodrigues<sup>5</sup>

Keila do Carmo Neves<sup>6</sup>

Ana Carolina Fernandes de Souza Gusmão<sup>7</sup>

4081

**RESUMO:** Esse artigo buscou compreender as principais razões da ocorrência da hesitação vacinal na infância, identificar os fatores sociais, econômicos e culturais que influenciam a decisão de não vacinar o público infantil e analisar os impactos da hesitação vacinal na saúde pública. Trata-se de uma revisão bibliográfica de caráter descritivo, acerca da hesitação vacinal infantil e as perspectivas e desafios na saúde pública, através de estudos com abordagem qualitativa que nos rematam ao objeto da pesquisa. Este estudo evidenciou que a desinformação, a falta de confiança nas instituições de saúde e a percepção reduzida de risco em relação às doenças imunopreveníveis são fatores determinantes para a queda da cobertura vacinal, concluindo que a hesitação vacinal tem consequências severas para a saúde pública, incluindo o ressurgimento de doenças erradicadas e o aumento da morbidade e mortalidade infantil.

**Palavras-chave:** Hesitação Vacinal. Saúde da criança. Imunização. Cobertura Vacinal.

**ABSTRACT:** This article sought to understand the main reasons for the occurrence of vaccine hesitancy in childhood, identify the social, economic and cultural factors that influence the decision not to vaccinate children and analyze the impacts of vaccine hesitancy on public health. This is a descriptive bibliographic review on childhood vaccine hesitancy and the perspectives and challenges in public health, through studies with a qualitative approach that lead us to the object of the research. This study showed that misinformation, lack of trust in health institutions and reduced perception of risk in relation to vaccine-preventable diseases are determining factors for the decline in vaccination coverage, concluding that vaccine hesitancy has severe consequences for public health, including the resurgence of eradicated diseases and the increase in child morbidity and mortality.

**Keywords:** Vaccine Hesitancy. Child Health. Immunization. Vaccination Coverage.

<sup>1</sup>Discente da Graduação de Enfermagem na Universidade Iguaçu.

<sup>2</sup>Discente da Graduação de Enfermagem da Universidade Iguaçu.

<sup>3</sup>Discente da Graduação de Enfermagem da Universidade Iguaçu.

<sup>4</sup>Discente da Graduação de Enfermagem na Universidade Iguaçu.

<sup>5</sup>Discente da Graduação de Enfermagem da Universidade Iguaçu.

<sup>6</sup>Orientadora. Enfermeira. Mestre e Doutora em Enfermagem pela UFRJ/EEAN. Pós-Graduada em Nefrologia e UTI Neonatal e Pediátrica; Docente do Curso de Graduação e Pós-graduação em Enfermagem da UNIG. Membro dos grupos de Pesquisa NUCLEART e CEHCAC da EEAN/UFRJ.

<sup>7</sup>Discente da graduação de enfermagem na Universidade Iguaçu.

**RESUMEN:** Este artículo buscó comprender las principales razones de la aparición de dudas sobre las vacunas en la infancia, identificar los factores sociales, económicos y culturales que influyen en la decisión de no vacunar a los niños y analizar los impactos de las dudas sobre las vacunas en la salud pública. Se trata de una revisión descriptiva de la literatura sobre la reticencia vacunal infantil y las perspectivas y desafíos en salud pública, a través de estudios con enfoque cualitativo que nos acercan al objeto de la investigación. Este estudio demostró que la desinformación, la falta de confianza en las instituciones de salud y la menor percepción de riesgo en relación con las enfermedades prevenibles mediante vacunación son factores determinantes para la disminución de la cobertura de vacunación, concluyendo que la renuencia a vacunarse tiene graves consecuencias para la salud pública, incluido el resurgimiento de enfermedades erradicadas, enfermedades y el aumento de la morbilidad y mortalidad infantil.

**Palabras clave:** Vacilación ante las vacunas. Salud infantil. Inmunización. Cobertura de vacunación.

## INTRODUÇÃO

Segundo o Ministério da Saúde, a vacinação é caracterizada como uma das estratégias mais eficazes para preservar a saúde da população e promover uma sociedade saudável e resiliente. Neste enquadramento, a imunização retrata uma essencial ação de prevenção primária, principalmente em crianças até um ano de vida (Melo et al., 2024). Contudo, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) em 2019, foi intensificado a hesitação vacinal.

4082

Caracterizada como uma ameaça à saúde pública, a hesitação vacinal refere-se ao atraso na aceitação da vacina, mesmo com meios disponíveis para tal (Viana et al., 2023). Com a popularização desse ato, há um declínio nos números de vacinação, tendo como consequência, além da regressão de doenças ditas como erradicadas, o aparecimento de novos casos de doenças preveníveis através da imunização (Braga e Reis-Santos, 2023).

A baixa cobertura vacinal não é interpretada como um sinônimo da hesitação, no entanto, é uma consequência associada, e também compreendida como fator resultante no crescimento da morbidade e mortalidade. Identificar e entender o contexto histórico e social que gera os fatores influentes à concepção negativa da vacinação aponta relevância fundamental. Os obstáculos que implicam na queda da cobertura envolvem, sobretudo, a percepção quanto à vacina. (Roberti et al., 2024)

A literatura dispõe de diferentes perspectivas no que concerne à percepção das vacinas de rotina por tutores de crianças. No cenário anterior à pandemia, é evidenciada a premissa de que já existiam questionamentos que influenciam a hesitação vacinal, como a insegurança acerca da eficácia e medos associados, além das condições de acesso a unidades de saúde. Após

o panorama pandêmico com a COVID-19, foi gerada uma intensificação de novas discussões e pesquisas a partir de uma concepção distinta. (Souza et al., 2024)

Um exemplo dos motivos que levam os responsáveis a negligenciarem a vacinação, foi a onda de fake news compartilhadas durante a pandemia de COVID-19 sobre as diferentes consequências das vacinas, sendo, em maioria, falsas. Mesmo com diversos estudos provando o contrário do que muitos disseminaram, a queda da vacinação nos anos posteriores foi inevitável (Prochanoy et al., 2022).

Um estudo realizado em 2022 pela Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre sobre o impacto da pandemia, afirma que em 2020 o número da cobertura vacinal em crianças menores de 12 meses diminuiu comparado ao ano anterior. Esta redução se associa aos movimentos antivacina e anticiência que, mesmo existindo nos anos antecedentes, teve um aumento devido a facilidade de disseminação nas mídias sociais (Prochanoy et al., 2022).

Outro fator que contribui para esse atraso na aceitação é a insegurança em relação aos possíveis efeitos colaterais e a falta de conhecimento sobre as imunizações. Inúmeros responsáveis não compreendem plenamente a importância da vacina e como ela atua no organismo. Como resultado, associam os sintomas pós-vacina a algo perigoso para saúde da criança, o que leva a recusa da segunda dose, doses de reforço ou as próximas vacinas do calendário vacinal (Viana et al., 2023).

Nesse contexto, considerando o aumento gradativo da rejeição e resistência a imunização que ocorreu em parte da população, principalmente em decorrência de eventos associados aos períodos pré e pós pandemia do COVID-19, originou-se duas questões norteadoras para a pesquisa: “Quais são os principais fatores que contribuem para a hesitação vacinal?” e “Como a hesitação vacinal impacta os índices de cobertura vacinal e a saúde pública?”. 4083

Em síntese, o presente estudo tem como objetivos: compreender as principais razões da ocorrência da hesitação vacinal na infância; identificar os fatores sociais, econômicos e culturais que influenciam a decisão de não vacinar o público infantil e, analisar os impactos da hesitação vacinal na saúde pública.

## MÉTODOS

Trata-se de uma revisão bibliográfica de caráter descritivo, acerca da hesitação vacinal infantil e as perspectivas e desafios na saúde pública, através de estudos com abordagem qualitativa que nos rematam ao objeto da pesquisa.

A pesquisa é um processo sistemático, controlado e crítico que envolve reflexão e possibilita a descoberta de novos fatos, dados, relações ou leis em diversas áreas do conhecimento. Em outras palavras, trata-se de um procedimento formal que adota um método de pensamento reflexivo, exigindo um tratamento científico e servindo como meio para compreender a realidade ou revelar verdades parciais (Lakatos E Marconi,2017).

O estudo da bibliografia é desenvolvido com base em material já publicado com a finalidade de analisar múltiplos posicionamentos em relação a determinado assunto, considerado etapa essencial para exercer o saber científico e entender o cenário sobre um tema específico, identificar lacunas, formular hipóteses e fundamentar teoricamente a pesquisa (Gil,2010).

Na compreensão de Minayo (2007), o estudo qualitativo trabalha com o espectro de significados, justificativas, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis.

4084

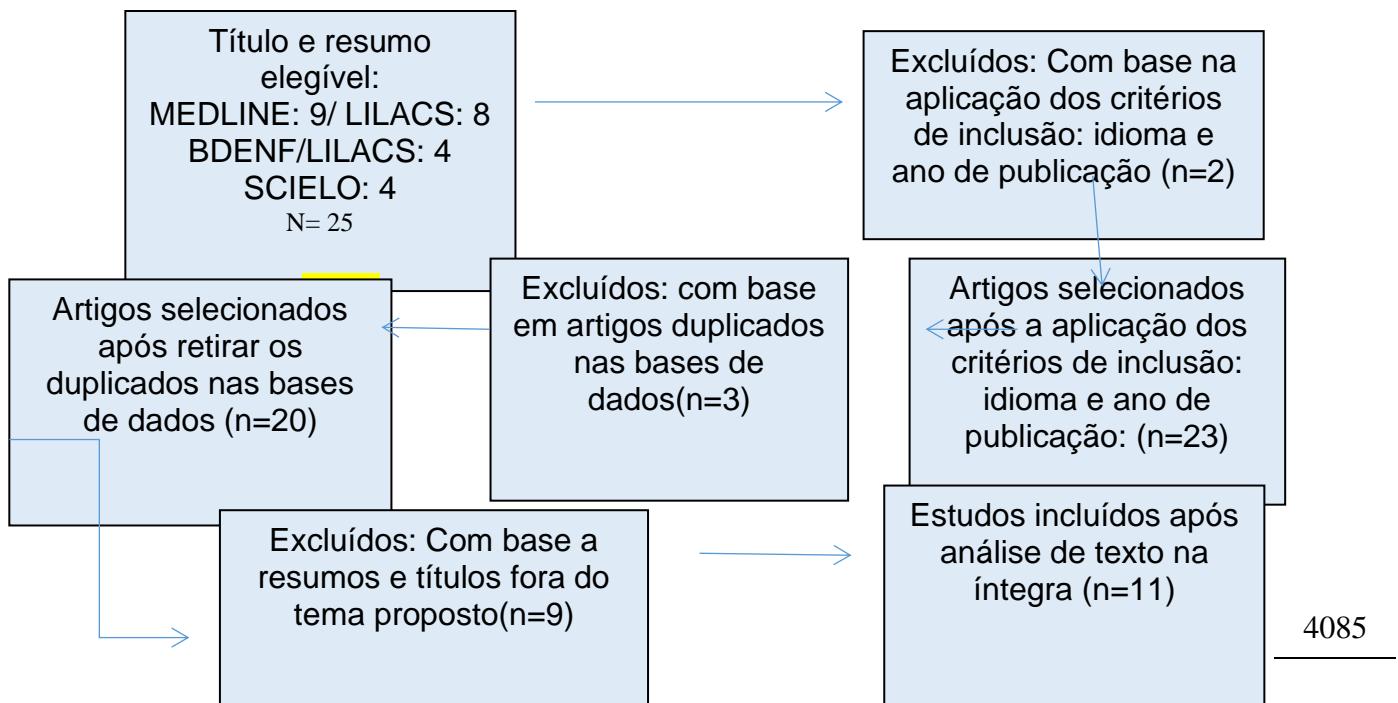
Empregada primordialmente em análises antropológicas e sociológicas, em contraste com a abordagem quantitativa prevalente, tem abrangido em larga escala sua atuação em áreas educacionais e da Psicologia. A pesquisa qualitativa é constatada, portanto, por seu empirismo, subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador.

Tendo em vista a exigência de analisarmos as intempéries relacionadas a hesitação vacinal infantil e as perspectivas e desafios na saúde pública, buscamos consultar as seguintes bases de dados: Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE), Base de Dados de Enfermagem (BDENF), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e biblioteca virtual Scientific Libraly Online (Scielo).

Utilizou-se os seguintes descritores: Hesitação Vacinal, saúde da criança, imunização e cobertura vacinal. Com as seguintes combinações por meio do operador booleano AND: Hesitação vacinal AND Saúde da Criança; Imunização AND Cobertura Vacinal.

Empregamos como critérios de seleção da literatura artigos completos, publicados em português, no período de 2019 até abril de 2024 e os critérios de exclusão foram artigos repetidos, publicações com textos indisponíveis e fora da temática.

Fluxograma 1 – Seleção de estudos para revisão da literatura



Fonte: ANTUNES, LM et al., 2024.

Nota-se no Fluxograma 1 que nas bases de dados Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Bases de Dados de Enfermagem (BDENF), e Scientific Electronic Library Online (SCIELO) encontrou-se 25 resumos utilizando as palavras-chave escolhidas. Dentre os selecionados, 2 artigos foram excluídos com base na aplicação dos critérios de inclusão de idioma e ano de publicação, deixando-se 23 artigos para análise de duplicados nas bases de dados. Foram excluídos 3 artigos duplicados, restando-se 20 artigos para leitura de título e resumo. Exclui-se mais 9 artigos por fuga da temática após leitura de título e resumo. Restando assim o número de 11 artigos para realizar revisão literária.

A partir dessa leitura preliminar, foram selecionados 11 artigos que mantinham coerência com os descritores acima apresentados e com objetivo do estudo. A partir dessa análise, foi extraída a bibliografia potencial, explicitada no quadro 1 a seguir.

**Quadro 1- Levantamento estrutural dos artigos selecionados nas bases de dados da temática**

Título/Ano	Autores/Revista	Principais contribuições
Desigualdades raciais na vacinação infantil e nos obstáculos à vacinação no Brasil entre nascidos vivos em 2017 e 2018: análise de uma coorte retrospectiva dos dois primeiros anos de vida. 2024.	Boing, A. F.; Boing, A. C.; França, A. P.; Moraes, J. C. de; ICV group 2020. <b>Epidemiol Serv Saude</b>	Analisaram-se dados de 37.801 crianças. Do total, 7,2% (IC <sub>95%</sub> 6,3;8,2) dos responsáveis enfrentaram dificuldades para levar seus filhos para vacinação e 23,4% (IC <sub>95%</sub> 21,7;25,1) das crianças não foram vacinadas, mesmo sendo levadas. Essas proporções foram 75% (IC <sub>95%</sub> 1,25;2,45) e 97% (IC <sub>95%</sub> 1,57;2,48) mais elevadas, respectivamente, entre pretas; e 49,9% (IC <sub>95%</sub> 47,8;51,9) e 61,1% (IC <sub>95%</sub> 59,2;63,0) das crianças tiveram atraso em alguma vacina até os 5 meses e o primeiro ano, respectivamente. Tais valores foram maiores entre pardas/pretas.
Eu vivo num mundo muito burguês, não moro na periferia": não vacinação infantil e a intersecção entre raça, classe e gênero. 2024.	Matos, C. C. de S. A.; Tavares, J. S. C.; Couto, M. T. <b>Interface - Comunicação, Saúde, Educação</b>	Gênero revela-se um importante marcador na tomada de decisão no âmbito intrafamiliar, enquanto classe social, raça e espacialidade surgem como importantes marcadores na percepção de quem são os "nós" que não precisam das vacinas e os "outros" que precisam.
Hesitação vacinal infantil e COVID-19 no Brasil: ampliando a análise a partir da percepção dos profissionais de saúde. 2024.	Muller, T. L.; Lange, F. C.; Hellmann, F. <b>Cadernos de Saúde Pública</b>	O estudo identificou três categorias que influenciam a hesitação vacinal: o medo, a desinformação e o papel dos profissionais de saúde como mediadores de informações confiáveis. Esses insights são vitais para moldar estratégias de comunicação eficazes para aumentar a aceitação da vacina.
Hesitação vacinal de pais e familiares de crianças e o controle das doenças imunopreveníveis. 2023.	Viana, I. da S.; Cursino, E. G.; Miranda, P. da S.; Silva, L. F. da.; Machado, M. E. D. <b>Cogitare enferm</b>	Vinte e quatro artigos compuseram a amostra final, e emergiram duas categorias: Des(conhecimento) sobre vacinas; e In(decisão) e estilo de vida.
Hesitação vacinal de familiares de crianças durante a pandemia de COVID-19. 2023.	Viana, I. da S.; Cursino, E. G.; Silva, L. F. da.; Machado, M. E. D.; Vaz, E. M. C. <b>Rev. Rene</b>	O medo do deslocamento durante a pandemia e o desabastecimento de vacinas se mostraram razões geradoras de hesitação vacinal de familiares de crianças durante a pandemia de COVID-19.
Implementação da Prática Avançada de Enfermagem no enfrentamento do atraso vacinal: um relato de experiência. 2023.	Maciel, A. P. F.; Soares, R. G.; Moreira, K. S.; Versiani, C. M. C.; Santos, V. M.; Braz, P. P. A.; Guedes, Silva, A. B. M.; C. S. O. e.	Foi monitorado o estado vacinal das crianças e realizadas ações e intervenções individuais e coletivas, como consultas individuais, buscas ativas, ligações telefônicas e mensagens via aplicativo de celular, educação continuada e produção de materiais educativos para conscientização entre a comunidade, pais/responsáveis e profissionais de saúde sobre a importância de manter o calendário vacinal atualizado, conforme proposto pelo Programa Nacional de Imunizações.
Hesitação vacinal em crianças menores de cinco anos: revisão de escopo. 2023.	Júnior, E. B. de M.; Almeida, P. D.; Pereira, B. M.; Borges, P. de T. M.; Gir, E.; Araújo, T. M.E. de. <b>Rev. Bras. Enferm.</b>	Desinformação, preocupação com efeitos adversos, desconfiança sobre eficácia, aflição quanto à administração simultaneamente e insegurança em relação aos laboratórios foram os motivos relatados.

Cobertura vacinal e o movimento antivacina: o impacto na saúde pública no Brasil. 2023.	Ramosa, A. C. L. da C.; Pacheco, B. de A. B.; Sousa, J. E. A.; Petrilli, J. D.; Costa, G. N. de O. <b>Revista Baiana de Saúde Pública</b>	No período investigado, apenas em 2015 o Brasil alcançou a meta preconizada de cobertura vacinal, diferentemente dos anos seguintes, que apresentaram oscilações preocupantes. As publicações apresentam argumentos utilizados pelos grupos antivacina, evidenciados entre 2015 e 2019, período em que os dados de cobertura vacinal oscilaram.
Fatores relacionados à redução das metas vacinais infantis. 2022.	Castro, M. H.; Freitas, F. C. de; Ferreira, K. R.; Costa, C. M.; Cardoso, J. P.; Souza, D. A. S. <b>Revista Nursing</b>	A falta de tempo dos pais para levar os filhos às unidades de saúde para serem vacinadas foi evidenciado em 4 (40%) estudos, 2 (20%) mostraram a dificuldade de acesso as unidades por motivos de locomoção e outros 2 (20%) citaram as salas de vacinas com falta de imunobiológicos.
Os efeitos da pandemia de covid-19 no discurso antivacinação infantil no Facebook. 2022.	Recuero, R.; Volcan, T.; Jorge, F. C. <b>Revista Eletrônica de Comunicação, Informação &amp; Inovação em Saúde</b>	Os resultados indicam um crescimento e uma polarização do debate sobre vacinação infantil na mídia social, com a circulação de discursos desinformados e conspiratórios. No contexto da pandemia, observamos que o discurso antivacina saiu da vacinação infantil contra a covid-19 e se espalhou para o debate sobre a vacinação infantil para outras doenças.
Considerações sobre o impacto da covid-19 na relação indivíduo-sociedade: da hesitação vacinal ao clamor por uma vacina. 2021.	Couto, M. T.; Barbieri, C. L. A.; Matos, C. C. de S. A. <b>Saúde Soc.</b>	Este ensaio aponta que as tomadas de decisão sobre (não) vacinar ou sobre (não) seguir as medidas preventivas e de controle da propagação da covid-19 são conformadas por pertencimentos sociais e atravessadas por desigualdades que tendem a se exacerbar. A infodemia que cerca a covid-19 e a hesitação vacinal refletem a tensão entre o risco cientificamente validado e o risco percebido subjetivamente, também influenciada pela crise de confiança na ciência. <hr/> 4087

**Fonte:** ANTUNES, LM, et al., 2024.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A estruturação da discussão dos resultados será em três categorias principais. A primeira categoria visa explorar os fatores determinantes da hesitação vacinal infantil de forma ampla os aspectos que contribuem para a hesitação vacinal infantil, destacando fatores sociais, psicológicos e comunicacionais que influenciam as decisões dos pais.

A segunda categoria se concentrará no Fatores Sociais, Culturais e Econômicos na Hesitação Vacinal Infantil, serão discutidos os fatores que influenciam a decisão de vacinar ou não as crianças na infância, destacando o impacto de aspectos sociais, culturais, econômicos e de acesso à informação na hesitação vacinal.

A terceira categoria abordará os impactos da hesitação vacinal na saúde pública, incluindo o aumento de casos de doenças evitáveis, como sarampo e poliomielite, e suas

consequências na sobrecarga do sistema de saúde. Como também, discutir os efeitos econômicos, além das desigualdades sociais que dificultam o acesso às vacinas em áreas vulneráveis.

## CATEGORIA 1 - FATORES DETERMINANTES DA HESITAÇÃO VACINAL INFANTIL

A hesitação vacinal infantil é um fenômeno complexo, que envolve uma série de fatores que influenciam a decisão dos pais e responsáveis. Entre as razões mais comuns para a hesitação vacinal, destacam-se a desinformação e a falta de compreensão sobre a importância das vacinas. Com o aumento do uso das redes sociais, muitos pais têm acesso a informações errôneas sobre as vacinas, o que fortalece a resistência à imunização. A disseminação de mitos e teorias conspiratórias contribui diretamente para aumentar o medo e a desconfiança, fazendo com que as vacinas sejam vistas como perigosas ou ineficazes (Recuero, Volcan & Jorge, 2022).

Além da desinformação, outro fator importante para a hesitação vacinal é a falta de confiança nas autoridades de saúde e no sistema de saúde pública. O ceticismo em relação aos profissionais da saúde e às instituições responsáveis pela vacinação pode surgir, especialmente em contextos em que as políticas públicas de saúde não têm sido eficientes ou transparentes. Quando os pais não percebem os benefícios diretos da vacinação ou têm uma visão negativa das campanhas de imunização, a tendência é adiar ou até mesmo recusar as vacinas (Castro et al., 2022).

4088

Outro fator relevante é a percepção de que as doenças imunopreveníveis não representam uma ameaça iminente. Muitas famílias, especialmente em regiões onde as doenças evitáveis são raras, acreditam que as vacinas não são necessárias, já que não observam surtos em suas comunidades. Essa percepção de risco reduzido contribui para a sensação de que a vacinação é desnecessária. A falta de uma comunicação eficaz por parte dos governos e profissionais de saúde, que reforcem a importância da vacinação como medida preventiva para proteger a saúde de todos, acaba perpetuando esse tipo de pensamento (Boing et al., 2024).

A hesitação vacinal também está intimamente relacionada ao medo de efeitos adversos das vacinas. Apesar de as vacinas serem amplamente testadas e comprovadamente seguras, a preocupação com possíveis reações adversas leva muitos pais a questionar a necessidade de vacinar seus filhos. Esse medo pode ser alimentado por relatos negativos, seja de experiências pessoais ou de histórias divulgadas nas redes sociais, que amplificam a sensação de perigo, mesmo que a ocorrência de efeitos colaterais graves seja extremamente rara (Viana et al., 2023).

O movimento antivacina tem ganhado força nos últimos anos, especialmente após a pandemia de COVID-19, que exacerbou as divisões ideológicas e gerou desconfiança nas autoridades de saúde. Esse movimento, que é alimentado por teorias conspiratórias e informações distorcidas, influencia diretamente a hesitação vacinal. Muitos pais e responsáveis se sentem pressionados a seguir as ideias de grupos antivacina, acreditando que estão protegendo seus filhos ao evitar a vacinação. A politização da saúde pública e a polarização social têm sido determinantes para o crescimento desse movimento (Recuero et al., 2022).

Ademais, a falta de uma comunicação clara e acessível sobre as vacinas e suas vantagens também contribui para a hesitação. Muitos pais não se sentem preparados para tomar uma decisão informada sobre a vacinação, porque as informações são frequentemente técnicas, complexas ou incompletas. A comunicação feita por profissionais de saúde precisa ser mais humanizada, empática e adaptada ao nível de compreensão dos pais, garantindo que eles sintam que suas dúvidas são ouvidas e respondidas de forma adequada (Maciel et al., 2024).

Por fim, a percepção de que a vacinação não traz benefícios diretos para a criança, especialmente em contextos onde as doenças preveníveis não estão presentes, é uma razão comum para a hesitação. Em áreas onde as campanhas de vacinação não são suficientemente eficazes ou quando os surtos de doenças evitáveis são raros, a percepção de risco diminui. A educação em saúde, por meio de campanhas informativas mais focadas na prevenção e nos benefícios de vacinas, é uma estratégia fundamental para mudar esse comportamento e aumentar a aceitação das vacinas (Matos et al., 2024).

4089

## CATEGORIA 2 – FATORES SOCIAIS, CULTURAIS E ECONÔMICOS NA HESITAÇÃO VACINAL INFANTIL

A decisão de não vacinar na infância pode ser influenciada por uma combinação de fatores sociais, culturais e econômicos. O acesso à informação e a confiança nas fontes de dados têm um papel fundamental na decisão de vacinar ou não as crianças. A desinformação, frequentemente disseminada por meio de redes sociais e outros meios digitais, tem ampliado as dúvidas e incertezas sobre a eficácia e segurança das vacinas. O papel das plataformas como o Facebook tem sido decisivo na propagação de mitos e teorias conspiratórias, que geram um ambiente de resistência vacinal (Recuero, Volcan & Jorge, 2022). A disseminação de conteúdos enganosos, principalmente em contextos de vulnerabilidade social, contribui diretamente para a hesitação vacinal.

Além disso, a classe social e a desigualdade no acesso a serviços de saúde desempenham um papel significativo na aceitação das vacinas. Famílias com menos recursos econômicos e de educação tendem a ser mais suscetíveis a informações equivocadas sobre vacinas e, frequentemente, não têm o suporte necessário para superar as barreiras à vacinação. A falta de confiança nas instituições de saúde pública e a percepção de que a vacina é desnecessária ou até perigosa, muitas vezes, está mais presente em famílias de classe baixa e em áreas rurais, onde o acesso a profissionais de saúde qualificados é mais limitado (Boing et al., 2024).

A situação econômica das famílias é outra questão premente. Em um cenário de escassez de recursos financeiros, o tempo e os custos indiretos envolvidos em levar uma criança para se vacinar são vistos como um obstáculo. Para muitas famílias, o deslocamento até os postos de saúde, a perda de tempo no trabalho e os custos associados a esses procedimentos podem ser fatores que desestimulam a adesão à vacinação (Ramosa et al., 2023). O fato de a vacinação ser gratuita não significa, necessariamente, que ela seja facilmente acessível a todos. A pobreza e a falta de infraestrutura de saúde básica dificultam ainda mais a adesão.

De acordo com Viana et al. (2023), um fator adicional relevante é que a hesitação vacinal não é um fenômeno isolado, mas sim um reflexo das desigualdades existentes na sociedade. O Brasil, com suas disparidades regionais e raciais, enfrenta um cenário onde as populações negras e pardas, além das mais vulneráveis economicamente, apresentam taxas de vacinação mais baixas. Isso está diretamente relacionado à falta de acesso à informação confiável e à percepção de que as políticas públicas de saúde não atendem adequadamente essas populações (Boing et al., 2024).

4090

A inclusão social e econômica também desempenha um papel importante na redução da hesitação vacinal. A melhoria nas condições de vida e o aumento no acesso a direitos básicos, como educação e saúde, são medidas que podem levar a uma maior confiança nas políticas públicas de imunização. Ao melhorar o bem-estar social das famílias, cria-se um ambiente mais propenso à aceitação da vacinação (Ramosa et al., 2023).

A situação econômica de um país também impacta diretamente nas taxas de vacinação. Quando o país enfrenta uma crise econômica, a vacinação pode ser vista como uma prioridade menor, pois os recursos escassos são direcionados para questões de emergência e atendimento médico de urgência. No entanto, a prevenção, por meio da vacinação, é uma estratégia mais econômica a longo prazo e deve ser vista como uma prioridade em tempos de crise (Boing et al., 2024).

Em suma, a adaptação das políticas públicas às necessidades e condições socioeconômicas da população é um passo crucial para combater a hesitação vacinal. Para garantir o sucesso da vacinação infantil, é necessário que as campanhas sejam amplamente acessíveis, com foco na educação e na eliminação das barreiras financeiras e sociais que dificultam o acesso à saúde (Viana et al., 2023).

### CATEGORIA 3 – REPERCUSSÕES DA NÃO VACINAÇÃO NA INFÂNCIA NO SISTEMA DE SAÚDE PÚBLICA

A hesitação vacinal tem gerado impactos profundos na saúde pública, com um aumento significativo nos casos de doenças evitáveis por vacinação. Doenças como o sarampo, a poliomielite e a difteria, que já haviam sido controladas em várias regiões, estão retornando devido à queda nas taxas de imunização. Esses surtos não apenas colocam em risco a saúde da população, mas também geram um aumento na demanda por atendimento médico, internações e até mortes evitáveis (Ramosa et al., 2023). Esse cenário resulta na sobrecarga dos sistemas de saúde e eleva o custo de tratamento dessas doenças.

Além disso, o ato de não vacinar também gera impactos econômicos substanciais. O aumento de doenças que poderiam ser evitadas com vacinas resulta em mais gastos com internações, medicamentos e tratamentos de longo prazo, o que pressiona ainda mais os orçamentos públicos destinados à saúde. Esses custos elevados podem afetar outras áreas da saúde, comprometendo a qualidade do atendimento em outras doenças e prejudicando a sustentabilidade do sistema de saúde pública (Maciel et al., 2024).

4091

No contexto de desigualdade social, as populações mais vulneráveis — como as de áreas periféricas e rurais — são as mais afetadas pela resistência à vacinação. A falta de infraestrutura de saúde, de profissionais capacitados e de informações confiáveis faz com que as famílias dessas regiões não busquem ou não tenham acesso adequado às vacinas (Boing et al., 2024). Essa desigualdade no acesso à saúde contribui para a propagação de doenças evitáveis e, por consequência, agrava a situação de saúde pública em áreas já fragilizadas.

Outro efeito negativo da hesitação vacinal é a desconfiança que ela gera nas políticas públicas de saúde. Quando as campanhas de vacinação não têm sucesso, a confiança da população nas autoridades de saúde diminui. Esse fenômeno pode dificultar a implementação de outras medidas de saúde pública e aumentar o movimento antivacina, que tem se fortalecido em muitas partes do mundo, inclusive no Brasil, como consequência da pandemia de COVID-

19 (Recuero et al., 2022). A resistência a novas campanhas de vacinação torna-se uma preocupação crescente para a saúde pública global.

Em resposta a esses desafios, é necessário que as campanhas de vacinação sejam mais eficazes em combater a desinformação e promover a confiança nas vacinas. Isso envolve uma comunicação clara e transparente sobre os benefícios e os riscos das vacinas, além de envolver líderes comunitários e profissionais de saúde no processo educativo, como sugere Viana et al. (2023). Essas estratégias podem ajudar a reduzir a resistência e a hesitação vacinal.

O retorno de doenças já controladas evidencia a importância da vacinação e a urgência de aumentar a cobertura vacinal. A hesitação vacinal não é apenas uma questão de saúde individual, mas uma questão de saúde pública, que afeta toda a comunidade. Portanto, ações focadas em esclarecer dúvidas e mitigar a resistência à vacinação são fundamentais para o sucesso dos programas de imunização e para a proteção das gerações futuras (Boing et al., 2024).

Além disso, o fortalecimento da educação em saúde, a colaboração entre as diferentes esferas do governo e da sociedade civil e a criação de políticas públicas inclusivas e acessíveis são essenciais para enfrentar a hesitação vacinal. É imperativo que o Brasil adote medidas integradas que considerem as especificidades das populações em risco, garantindo que a vacinação seja acessível e aceitável para todos (Ramosa et al., 2023).

4092

## CONCLUSÃO

A hesitação vacinal na infância apresenta-se como um fenômeno multifacetado, que reflete desafios sociais, culturais, econômicos e comunicacionais profundamente enraizados. Este estudo evidenciou que a desinformação, a falta de confiança nas instituições de saúde e a percepção reduzida de risco em relação às doenças imunopreveníveis são fatores determinantes para a queda da cobertura vacinal. Ademais, o impacto das desigualdades sociais e econômicas, agravado pela disseminação de fake news e pela politização da saúde pública, agrava ainda mais o cenário de resistência às vacinas.

Os resultados também apontaram que a hesitação vacinal tem consequências severas para a saúde pública, incluindo o ressurgimento de doenças erradicadas e o aumento da morbidade e mortalidade infantil. Esses fenômenos não apenas sobrecarregam os sistemas de saúde, mas também geram impactos econômicos significativos, desviando recursos que poderiam ser investidos em outras áreas críticas da saúde.

Dante desse contexto, faz-se necessário adotar estratégias multidimensionais que combinem educação em saúde, políticas públicas inclusivas e campanhas de vacinação eficazes, com foco na reconstrução da confiança e no combate à desinformação. Investir em comunicação humanizada, acessível e baseada em evidências científicas é crucial para reverter o panorama atual e assegurar que a imunização continue sendo uma ferramenta indispensável para a saúde coletiva.

Por fim, superar os desafios da hesitação vacinal exige não apenas esforços individuais, mas também um compromisso coletivo, envolvendo governos, profissionais de saúde, educadores e a sociedade civil. Apenas por meio de ações coordenadas será possível alcançar uma cobertura vacinal adequada e garantir o direito à saúde para todas as crianças, independentemente de sua condição socioeconômica ou localização geográfica.

## REFERÊNCIAS

BOING, A. F., BOING, A. C., FRANÇA, A. P., MORAES, J. C., ICV 2020 GROUP, SILVA, A. I. D., RAMOS, A. N., JR, FRANÇA, A. P., OLIVEIRA, A. N. M., BOING, A. F., DOMINGUES, C. M. A. S., OLIVEIRA, C. S., MACIEL, E. L. N., GUIBU, I. A., MIRABAL, I. R. B., BARBOSA, J. C., LIMA, J. C., MORAES, J. C., LUHM, K. R., CAETANO, K. A. A., ARAÚJO, W. N. (2024). Racial inequalities in child vaccination and barriers to vaccination in Brazil among live births in 2017 and 2018: an analysis of a retrospective cohort of the first two years of life. *Epidemiologia e serviços de saúde: revista do Sistema Único de Saúde do Brasil*, 33(spe2), e20231216. DOI: <https://doi.org/10.1590/S2237-96222024v33e20231216.especial2.en> 4093

BRAGA, C.; REIS-SANTOS, B. Agenda de Imunização 2030 e os desafios do Brasil. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 32, n. 3, 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Vacinação*. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/vacinacao>

CASTRO, M. H.; FREITAS, F. C. de; FERREIRA, K. R.; COSTA, C. M.; CARDOSO, J. P.; SOUZA, D. A. S. Fatores relacionados à redução das metas vacinais infantis. *Nursing (Edição Brasileira)*, v. 25, n. 293, p. 8828–8841, 3 out. 2022.

COUTO, M. T.; BARBIERI, C. L. A.; MATOS, C. C. DE S. A. Considerações sobre o impacto da covid-19 na relação indivíduo-sociedade: da hesitação vacinal ao clamor por uma vacina. *Saúde e Sociedade*, v. 30, p. e200450, 19 mar. 2021.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Fundamentos de Metodologia Científica - 8ª Ed.* Atlas 2017.

JÚNIOR, E. B. DE M.; ALMEIDA, P. D.; PEREIRA, B. M.; BORGES, P. DE T. M.; GIR, E.; ARAÚJO, T. M.E. de. Hesitação vacinal em crianças menores de cinco anos: revisão de escopo. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 76, n. 5, 1 jan. 2023.

MACIEL, A. P. F.; SOARES, R. G.; MOREIRA, K. S.; VERSIANI, C. M. C.; SANTOS, V. M.; BRAZ, P. P. A.; GUEDES, SILVA, A. B. M.; C. S. O. e. Implementation of Advanced Practice Nursing in coping with vaccine delay: an experience report. *Online Brazilian Journal Nursing*. 2024;22 Suppl 2:e20246693. DOI: <https://doi.org/10.17665/1676-4285.20246693>

MATOS, C. C. DE S. A.; TAVARES, J. S. C.; COUTO, M. T. “Eu vivo num mundo muito burguês, não moro na periferia”: não vacinação infantil e a intersecção entre raça, classe e gênero. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 28, 2024.

MATOS, C. C. de S. A.; COUTO, M. T.; ODUWOLE, E. O.; WIYSONGE, C. S. Caregivers' perceptions on routine childhood vaccination: A qualitative study on vaccine hesitancy in a South Brazil state capital. *Human Vaccines & Immunotherapeutics*, v. 20, n. 1, 9 jan. 2024.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec/ABRASCO, 2007.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2010.

MULLER, T. L.; LANGE, F. C.; HELLMANN, F. [Childhood vaccine hesitancy and COVID-19 in Brazil: expanding the analysis from the perception of health professionals]. *PubMed*, v. 40, n. 8, p. e00068824-e00068824, 1 jan. 2024. 4094

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **Dez ameaças à saúde que a OMS combaterá em 2019 - OPAS/OMS | Organização Pan-Americana da Saúde**. 2019. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/17-1-2019-dez-ameacas-saude-que-oms-combatera-em-2019>.

PROCIANOY, G. S.; JUNIOR, F R.; LIED, A. F.; JUNG, L. F. P. P.; SOUZA, M. C. S. C. de. Impacto da pandemia do COVID-19 na vacinação de crianças de até um ano de idade: um estudo ecológico. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 27, n. 3, p. 969–978, mar. 2022.

RAMOSA, A. C. L. da C.; PACHECO, B. de A. B.; SOUSA, J. E. A.; PETRILLI, J. D.; COSTA, G. N. de O. Cobertura vacinal e o movimento antivacina: o impacto na saúde pública no Brasil. *Revista Baiana de Saúde Pública* v. 47, n. 1, p. 210–226, 19 jun. 2023. DOI: [10.22278/2318-2660.2023.v47.n1.a3831](https://doi.org/10.22278/2318-2660.2023.v47.n1.a3831)

RECUERO, Raquel; VOLCAN, Taiane; JORGE, Franceli Couto. Os efeitos da pandemia de covid-19 no discurso antivacinação infantil no Facebook. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, [S. l.], v. 16, n. 4, p. 859–882, 2022. DOI: [10.29397/reciis.v16i4.3404](https://doi.org/10.29397/reciis.v16i4.3404). Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/3404>

SIMÕES, T. C.; et al. Description of vaccination coverage and hesitancy obtained by epidemiological survey of children born in 2017-2018, in Belo Horizonte and Sete Lagoas, Minas Gerais, Brazil. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 33, n. spe2, 1 jan. 2024.

VIANA, I. da S.; CURSINO, E. G.; MIRANDA, P. da S.; SILVA, L. F. da.; MACHADO, M. E. D. Hesitação vacinal de pais e familiares de crianças e o controle das doenças imunopreveníveis. **Cogitare Enfermagem**, v. 28, p. e84290, 7 ago. 2023.

VIANA, S. et al. Vaccine hesitancy in families of children during the COVID-19 pandemic. **Northeast Network Nursing Journal**, v. 24, p. e89253–e89253, 13 set. 2023.